

«País de los Losadas», novela de António Pereira

Por Joaquim de Montezuma de Carvalho

Na lista telefónica de Lisboa conto 126 Antónios Pereiras! Quantos outros mais não existirão por Portugal fora! Salvo erro existe, no Algarve, um poeta popular, de baptismo apenas António Pereira. Mas foi em Espanha que estes dois meros nomes se juntaram para nos brindarem um excelente escritor, com obra de posição e ficção cada vez mais rica em projecção de qualidade e adesão de leitores. Ano após ano os livros deste escritor, nascido em 1923 no lugar de Vilafranca del Bierzo (León), se alongam num ritmo de febril e coerente criação. Fresco ainda da tinta acaba de publicar na importante editora Plaza & Janés, de Barcelona, mais uma novela. Intitula-se «País de los Lesadas» Imediatamente mergulhei na leitura deste livro ágil, de prosa sem obstáculos, guiada por um ritmo narrativo que verdadeiramente prende, sugestiona e impulsiona o leitor mais desatento.

De que trata esta novela? Não há novela sem novelista e não há novelista sem humanidade. Eu quero crer que esta novela retrata o próprio António Pereira. Claro que não se trata de uma autobiografia, mas não deixa de ser uma larga medida a biografia dilacerada do autor em relação ao espectro da guerra civil espanhola (1936-39), arquivado nos refolhos da alma quando a criatura andava pelos treze a dezasseis anos, idade em que tudo se guarda na cêra aristotélica das primeiras fortes impressões. E não só o espectro gravado nessa cruenta altura, como restaurado não só o espectro gravado nessa cruenta altura, como restaurado nas sequelas posteriores dum a Espanha, finda a guerra, só aparentemente pacificada.

A guerra não foi qualquer guerra, mas a guerra civil, a guerra entre irmãos, entre pais e filhos, a guerra entre netos e avós de bandos adversos. A guerra que dissolve famílias que não pensam pela mesma medida. E assim terá acontecido com os familiares de António Pereira. Guerra ideológica que persistiu mesmo depois dos fusis terem acalmado o fogo impiedoso e bárbaro. Um milhão de mortos, outro milhão na debandada do exílio. Já Unamuno vilipendiava o medonho general franquista Milán Astray: «vencer não é convencer». E quantos milhões dentro da marsupial Espanha apenas vencidos mas não convencidos! O viver doloroso, o viver conflictivo, como diria Américo Castro. O viver desgarrado que tem sido a característica principal da Espanha sem unidade cívica.

A novela trata dos Losadas, família de cepa galaica e especialmente do facanhoso e veemente tio Jacobo Losada, advogado da causa de uma sociedade

nova. A novela imbebe-se na acção de Jacobo, homem corajoso e progressista, nutrindo-se do dinamismo do seu carácter libertador. A narrativa é a confessional de um sobrinho seu que recorda incidentes, paisagens, m o v i m e n t o s dessa Espanha febril que esteve quase a vencer a batalha de um ideal novo e ruiu no seu sonho. Sobrinho que recorda, com emoção poética, esse ido tio Jacobo, essência de uma Espanha diferente.

A chave da novela, o centro mobilizador da intriga, o nervo do seu verídico dramatismo esn seguramente no próprio Antonio Pereira e num possível tio sei que lidou no campo contrário e verdadeiro. O tal sobrinho nar radar descobre-nos a tragédia inumerável dessa Espanha dividida - «La verdad es que hosco y todo, el tío Jacobo se hacía querer Mis sentimientos estaban compuestos de un cariño discreto; cierta antigua admiración. La admiración provenía de que en mi casa estuviera prohibido nombrado, y el afecto fue que sin solemnidad ni declaraciones expresas decidimos él y yo, de hombre a hombre, deshacer el hielo de aquellos rencores de familia»

Cai esta novela no momento histórico de síntese fraternal: ã, é possível esquecer o passado mas é possível transformá-lo naquele vencer de todos que seja convencimento de todos. O momento aguardado em que todos os idos tios Jacobos, todos os irmãos contrários, todos os sobrinhos com secretas admirações tem de estreitar as mãos de vivo e mortos para o convívio vindou, o reino da paz sem espectro de guerras civis sem civilidade

O halo poético que circula po esta novela é já a promessa di que o futuro próximo será dife rente. Realmente, se os anos 36 -39 foram dramáticos, se os ano do franquismo mataram apure za, a esperança renasce agor: desde as catacumbas dum passado que se tem de exhibir na sua nude: completa para de novo as larní

que se tem oe exrmr na sua nuaez completa para de novo as famílias espanholas encontrarem a paz que jamais tiveram. Só denunciando os ultrajes à harmonia, a riqueza da amizade se tornará apetecida e revitalizadora. Uma Espanha católica que apenas precisa de ser cristã. Uma Espanha que apague para sempre os dramas dos sobrinhos que amavam em segredo os tios intrépidos...

Esta novela representa, a meu ver, um acto de contrição. Teixeira de Pascoaes dizia: o remorso é a bondade dos maus. A Espanha do remorso, a Espanha do arrependimento profundo, atravessa este livro belo, vivencial, pacificador. A Espanha em busca da unidade que os Reis Católicos só ficticiamente criaram.